

# 1 Introdução

“...o indivíduo, a pessoa, o eu, ‘o mais insubstituível dos seres’, como dizia Gide, para o qual nos conduz irresistivelmente uma pulsão narcísica socialmente reforçada, é também a mais real, em aparência, das realidades, o *ens realisium*, imediatamente entregue à nossa intuição fascinada, *intuitus personae*”. (Bourdieu, 1986)

A idéia desta pesquisa nasceu de um sentimento de perplexidade. Meus olhos viam, meus ouvidos escutavam – maravilhamento, era esta a sensação. E vi, e ouvi, e senti, enquanto um sem número de perguntas e questões me vinham à mente na busca por entender o acontecimento com que me deparei. Sim, inicio esta tese contando uma estória, que é o que fazemos, nós, humanos, por toda a vida na ânsia de ser.

No exercício de minha profissão (sou Major do Exército Brasileiro), dentro da comunidade de prática (Wenger, 1998) a que pertencço, vivencio atividades regulamentares típicas das práticas sociais na caserna. Além de atribuições específicas de professora de Inglês que sou, participo, juntamente com todo o efetivo, de formaturas, desfiles de tropas, apresentações de Oficiais, atividades físicas em forma, palestras, seminários, reuniões etc. Em todas essas atividades percebe-se, naqueles que compõem os agrupamentos, a galhardia pertinente à condição de se trajar uma farda. Como em qualquer outra instituição formal, na caserna há regras e normas de conduta (muitas vezes expressas em um regulamento específico) que organizam os comportamentos e as interações, naturalizando procedimentos que, segundo as formas de vida (Wittgenstein, [1953] 2005) desta instituição, são as condizentes com as posturas que se esperam.

Mesmo após 17 anos de alvoradas e toques de ordem, tempo suficiente para que as surpresas nessas práticas institucionais diárias passem a acontecer com menos freqüência, deparei-me com uma situação que fez meu coração verde-oliva bater mais forte, levantando os questionamentos que deram origem a esta pesquisa.

Em sete de setembro de 2007, no Desfile Cívico em comemoração à Independência do Brasil, que se dá em muitas partes de nosso país, eu fui designada para comandar o grupamento feminino que compôs os efetivos do Exército na cidade do Rio de Janeiro. O Exército apresentou-se com um efetivo

total de 6.000 integrantes. O grupo feminino era composto de aproximadamente cem militares entre oficiais e praças. Após uma semana de exaustivos treinamentos, o grupamento estava pronto. Fardávamos o uniforme nomeado 3º A com chapéu, saia e túnica verdes e saltos altos. A concentração das tropas deu-se no centro do Rio de Janeiro, na Avenida Rio Branco.

Todos os procedimentos a serem adotados pelos grupamentos antes, durante e depois do desfile, enquanto a tropa encontra-se emassada, são detalhadamente descritos nos regulamentos e vade-mécuns da Força. Dentre tais procedimentos está prevista uma revista da tropa como um todo, realizada pela mais alta autoridade militar presente, o Comandante do Grupamento de Desfile (autoridade militar mais antiga presente) acompanhado de outras autoridades civis e militares. A revista da tropa é um momento bastante interessante e especial. Para a revista, a tropa como um todo, organizada em unidades, permanece em forma, imóvel, na posição de apresentar armas para reverenciar a autoridade militar, que adentra a avenida no alto de um carro de combate ao mesmo tempo em que uma sirene de alerta faz ouvir sua presença.

Enquanto a tropa, da qual eu era um membro, esperava este momento, seus integrantes permaneciam agrupados nas imediações do local previamente determinado para a revista. Até que fosse dado o comando para entrar em forma, era permitido interagir com os companheiros e companheiras de desfile, ou seja, pode-se conversar, fazer pequenos deslocamentos, fotografar, confraternizar, ir e vir, mas sempre atentos ao toque de corneta que avisará sobre o momento da revista. Além disso, inúmeras outras situações se dão durante a concentração para o desfile. São militares das três Forças que passam de lado a outro, trajando fardas de gala, uniformes de combate; alguns armados e equipados conforme sua unidade de origem, outros fiscalizam e apóiam.

Tomo, neste momento, 'linguagem' em uma concepção mais ampla, ou seja, todo sistema de significados que recorra a modos de expressão, de construção e comunicação de sentidos sob qualquer forma simbólica (Fairclough, 1992: 4). Nesses termos, o evento todo é prenhe de falas, discursos, sentidos e significados. Eu ouvia as falas enunciadas pelo exército de símbolos a minha volta. Penso que era assim com toda a audiência, todos construía significados para aquilo que viam. Eu, porém, por compartilhar valores e crenças da comunidade militar ao mesmo tempo em que sou uma estudiosa do discurso e da construção de

identidade, passei a ver e ouvir relações simbólicas identitárias para os eventos e pessoas ao meu redor.

Mensagens cifradas pairavam por toda parte, nos fardamentos, nos brevês, insígnias e medalhas adornando as fardas, nas flâmulas presas aos armamentos que identificam cada grupamento, nos toques de corneta, nas canções entoadas por alguns grupamentos, tanto no ritmo quanto nas letras, na postura dos militares fardados, em seu comportamento, nos olhares, nas feições dos rostos, na cadência com que realizavam os deslocamentos a pé firme, no tom das vozes de comando, nos movimentos de ordem unida. De todas as formas a linguagem estava sempre presente, fazendo florescer interpretações sobre formas de vida e visões de mundo. Entendia os acontecimentos que via como símbolos emblemáticos da cultura compartilhada pelos integrantes da instituição Exército Brasileiro. Tais símbolos referiam-se a sistemas de valores subjacentes, históricos, culturais dos quais eu também comungo.

De volta ao momento da concentração para o desfile, dentre este mar simbólico, reparei algo especial. Muitas vezes, ao largo dos grupamentos que já estão devidamente posicionados, um grupamento inteiro passa em forma e marchando em direção ao local que deve ocupar no dispositivo. Nessas situações, isto é, quando uma tropa em deslocamento passa por outra parada, de acordo com o Regulamento de Continências, Honras, Sinais de Respeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas (República Federativa do Brasil, 1997), a tropa parada deve entrar em forma, voltar-se para a tropa que passa e tomar a posição de sentido, em sinal de respeito, atenção e reverência àquela formação. A tropa parada deve assim permanecer até que a tropa em movimento tenha passado.

Foi em uma dessas situações que o sentimento de perplexidade ao qual me referi no início do texto inundou meus pensamentos interessados nos processos de construção de identidades que emergem das interações sociais. Na condição de comandante do grupamento feminino, eu era a responsável por enunciar os comandos acerca dos procedimentos e posturas que devem ser adotados pelo restante das militares em forma. Assim o fiz. Em meio às conversas, risos, fotos e descontração apreensiva que antecedia o desfile, ouviu-se um silêncio que vinha dos grupamentos à esquerda, numa espécie de efeito dominó. Apressei-me em entender o porquê do súbito calar das tropas. Percebi que uma tropa em deslocamento aproximava-se e que deveria fazer meu grupamento prestar-lhe a

reverência regulamentar. Comandei: “Grupamento feminino, atenção! Cessar à vontade. Grupamento, sentido!”. Todas as militares entraram em forma, obedecendo aos comandos e eu ocupei minha posição à frente do grupamento, tomei a posição de sentido e aguardei a passagem da tropa que estava agora mais perto. Os sentidos que comecei a construir para o que vi fizeram florescer em mim a idéia desta pesquisa.

A tropa que se aproximava era composta por militares pára-quedistas da reserva, que haviam devotado suas vidas ao exercício da profissão ao servirem na Brigada de Infantaria Pára-quedista do Rio de Janeiro: os chamados militares da ‘Velha Brigada’! Eram senhores, alguns já de idade avançada. Estimo que grande parte deles já tinha passado de seus setenta anos. Por já terem cumprido seus anos de serviço devotados à Pátria, nenhum deles se encontrava mais no serviço ativo e poderiam estar, naquele momento, no conforto de seus lares, talvez assistindo ao desfile pela televisão e ainda assim evidenciando o envolvimento e o entusiasmo dos ‘velhos tempos’ com as demonstrações de civismo. Mas eles preferiam estar lá em meio ao desfile, vibrando e ‘rachando o chão’<sup>1</sup>.

Enquanto marchava com entusiasmo e vibração comoventes, o grupamento com os velhos militares entoava canções tradicionais da Brigada Pára-quedista. Esses homens de cabelos brancos e rostos marcados marchavam com o garbo que devem ostentar os heróis descritos em suas canções, de peitos inflados pelo orgulho de terem vencido os ares e com a firmeza daqueles que enfrentaram o medo. Cantavam, no mais alto tom, canções que lhes atravessavam as gargantas construindo sentidos que pareciam vir de suas almas. Calçavam seus *boots* marrons e suas boinas bordô, símbolos marcantes do uniforme do pára-quedista militar do Exército Brasileiro. Passaram, assim, unidos, coesos, cadenciados, fortes, firmes, transbordando a emoção de outrora. Embora reformados, ainda demonstravam viverem o ideal e a vocação de serem pára-quedistas do Exército Brasileiro.

O grupamento dos velhos pára-quedistas se foi, ocupou seu lugar na grande formação, deixando a mim, militar e doutoranda em estudos da linguagem, perguntas e questionamentos acerca de uma tropa, uma unidade, um todo formado de indivíduos, ‘únicos’ e ao mesmo tempo ‘grupo’. Rajadas de questionamentos

---

<sup>1</sup> Rachar o chão, no jargão militar significa marchar com entusiasmo e vibração.

feriram a pesquisadora. O que há entre os membros deste grupo que os mantém unidos em vibração e entusiasmo por mais que o tempo passe? Que força é esta que não se esvai no tempo e que insiste em oferecer identidade a um grupo cujos membros não mais convivem ou compartilham interações cotidianas? Por que tamanho entusiasmo? Por que eles se fizeram tão singulares?

Tocada por essas questões identitárias, no intuito de iniciar minha pesquisa, solicitei, através do canal de comando a que estou subordinada, que me fosse permitida uma visita à Brigada de Infantaria Pára-quedista do Rio de Janeiro.

A Brigada de Infantaria Pára-quedista do Rio de Janeiro é a organização militar do Exército onde são formados e preparados os pára-quedistas do Exército e cuja missão é ‘atuar com rapidez nas ações de defesa externa e de garantia da lei e da ordem, em qualquer parte do território nacional, e, eventualmente em operações de paz’ ([www.bdainfpqdt.eb.mil.br](http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br)) especialmente no que tange a ‘realização do Assalto Aeroterrestre, visando isolar o campo de batalha, interditando o deslocamento de tropas inimigas bem como a participação da transposição de curso de água de grande vulto’, segundo a Portaria 018 do Estado Maior do Exército, de 21 de março de 2003. Tal missão está compreendida no artigo 142 da Constituição Federal que destina as Forças Armadas à defesa da pátria, à garantia dos poderes constitucionais, da lei e da ordem.

Ao chegar à Brigada pude perceber que qualquer que fosse a resposta para os questionamentos que eu trazia, lá os encontraria. O entusiasmo do convívio e os laços estabelecidos entre os companheiros e com a Pátria nasciam ou eram nutridos naquele ambiente, nas experiências das situações compartilhadas. Percebi na postura e no olhar dos pára-quedistas da ativa com quem interagi a mesma intensidade de sentidos que vi nos velhos pára-quedistas reformados. O ambiente todo e as atividades ali realizadas exalam e oferecem possibilidades identitárias. A certeza de agir como um pára-quedista está estampada nas posturas, nos gestos, nas falas de cada um deles individualmente e me parece transpor o ambiente profissional. Ao deixarem a caserna e retornarem para seus lares, creio que esses homens não guardam suas identidades de pára-quedistas nos armários dos alojamentos onde penduram suas fardas. Agir como um pára-quedista e dedicar-se ao serviço da Pátria é a ponta de um *iceberg* identitário que me proponho a explorar. Encontrei na Brigada de Infantaria Pára-quedista do Rio de Janeiro meu contexto de pesquisa.

Considerando os tempos pós-modernos em que vivemos, minhas perguntas de pesquisa começam a tomar corpo. Que grupo é este? Quem são essas pessoas? Que há em seus contextos profissionais capaz de oferecer-lhes tão substanciais possibilidades ontológicas? Quem eles **dizem** que são? Que sentidos essas pessoas constroem para seus contextos profissionais e pessoais? Que significados eles constroem para suas realidades? Que eventos interacionais concretos, segundo os próprios pára-quedistas, possibilitam seus processos de construção de identidades? Em meio à tamanha força social, há espaço para idiossincrasias e variações identitárias ou suas identidades mostram-se monolíticas e estrangidas pela ação do grupo? Como esses homens constroem suas subjetividades dentro do grupo que formam? Que trabalhos discursivos são elaborados por esses homens na busca pela negociação e construção de suas identidades?

A questão que me proponho estudar está relacionada com a construção de identidades de indivíduos que praticam, vivenciam e compartilham um código de valores em um contexto peculiar. Esses indivíduos constituem uma comunidade moral, uma comunidade interpretativa (Fish, 1973) que faz nascer formas de vida (Wittgenstein, [1953] 2005) e visões de mundo, onde criam, negociam e desempenham identidades.

Passo, a seguir, a esclarecer as bases com que penso ser possível responder minhas perguntas iniciais de pesquisa.

Trago uma proposta de investigação que penso poder contribuir fortemente para o entendimento do grupo (e dos *self's* de seus integrantes) constituído pelos pára-quedistas do Exército Brasileiro na atualidade: militares, combatentes, treinados para o assalto aeroterrestre. Proponho uma investigação baseada na análise das narrativas de histórias de vida (Linde, 1993) trazidas pelos pára-quedistas. Ao entender as narrativas, sua estrutura, o contexto onde ocorrem e o contexto relatado, seu conteúdo semântico e sua seqüência, penso poder interpretar tais relatos como um processo dinâmico e situado, utilizado por esses militares combatentes, a fim de expor e interpretar quem eles são e a ordem social onde estão inseridos.

O corpo de dados analisado foi gerado mediante a realização de entrevistas que conduzi com dez oficiais pára-quedistas lotados no 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista, um dos Batalhões que constituem a Brigada de Infantaria Pára-quedista com sede no Rio de Janeiro. Além desses oficiais, entrevistei também

outro oficial pára-quedista do Exército Brasileiro, que já havia servido na Brigada de Infantaria Pára-quedistas em outra ocasião. Tais entrevistas constituem os dados que receberão o tratamento formal de análise.

A meu ver, por ser pouco estudado, o contexto militar no Brasil gera uma série de questionamentos, dúvidas, conceitos e pré-conceitos. Em minhas interações com colegas não pertencentes ao meio militar percebo muitas vezes uma certa surpresa ao saberem da minha profissão: “Mas você não parece!”, muitas vezes exclamam. Noto em suas falas que, mesmo sem conhecerem efetivamente o meio no qual atuo profissionalmente, já trazem visões e julgamentos sobre o contexto militar e seus integrantes. Penso que tais visões são, possivelmente, fruto de interpretações e posicionamentos políticos e sociais que podem ter isolado grupos de seres humanos que igualmente riem e choram dentro da mesma sociedade e os quais sequer foram vivenciados por mim e por muitos de meus companheiros de farda.

Com minha proposta, penso ser possível lançar luz tanto sobre as motivações sociais do grupo em questão quanto sobre as singularidades pessoais de seus membros. Pretendo investigar, assim, a partir de narrativas, a relação entre sócio-construcionismo e subjetividade (Gergen & Gergen, 2001; Hinchman & Hinchman, 2001; Harré, 1987; Velho, 1986). Tal investigação possibilitará, em termos macros sociais, pensar sobre a sociedade brasileira sob o ângulo de uma de suas instituições, o Exército Brasileiro. A reboque de tais posicionamentos, procurarei suscitar e discutir, por minhas análises, questões acerca do indivíduo inserido no contexto social: identidade, agência, determinação, coerção, grupos sociais, cultura militar, masculinidade, o mito do herói, etc.

A temática central da questão que trago é ontológica, é a do sujeito no mundo, seu *ethos* e visões, construções e interpretações de realidades. Faz-se crucial, desta forma, voltar especial atenção para os sentidos e entendimentos que os sujeitos objetos desta pesquisa constroem para suas próprias identidades. Pretendo arriscar-me na clássica discussão que atravessa o pensamento ocidental sobre a construção de identidade social e individual. Considerando o peso e a importância da sociedade na construção dos indivíduos, procurarei compreender melhor como a gramática social e cultural se expressa ao nível biográfico (Bourdieu, 1984; [1986] 2005). Desta forma, penso considerar as pessoas,

participantes do contexto de minha pesquisa, como indivíduos agentes, e não como meros objetos ou produtos totalmente constrangidos pelo meio social.

Entendo que as histórias narradas pelos pára-quedistas são um rico campo semiótico e cultural, isto é, elas enunciam um sistema de símbolos que organizam os sentidos da existência do próprio narrador ao mesmo tempo em que fornecem material heurístico (Brockmeier & Carbaugh, 2001:2) para o entendimento da cultura pára-quedista onde as identidades dos narradores são desempenhadas. Desta forma, a análise de narrativas transforma-se em análise de uma cultura, um modo de interpretar uma dada cultura.

Como coloca Bruner (2001:25), ecoando estudos etnográficos e antropológicos das narrativas, as narrativas deixam falar as relações sociais e os sentidos culturais situados. Consoante com Bruner, meu trabalho pretende oferecer uma visão do processo autobiográfico dos pára-quedistas no processo de narrar sobre si próprios, construindo-se um senso de *self* (Goffman, 1959, 1963; Brockmeier & Carbaugh, 2001; Gubrium & Holstein, 2003). Tal senso de *self* é fortemente dependente do sistema simbólico-cultural em que o narrador está inserido.

As histórias narradas pelos homens alvos de minha pesquisa agem ordenando a experiência, produzindo intenções, estruturando tanto memória como comunicação, dando forma e significado às experiências vividas por esses pára-quedistas (Bamberg, 1997). Suas histórias pessoais organizam o sentido de quem são, de quem são seus pares e o sentido que atribuem para a cultura de que fazem/são parte, isto é, o processo narrativo ativa seus sistemas simbólicos, viabilizando os processos de construção de sentidos, de identidades. Meus estudos pretendem apontar para o modo como o evento narrativo situado age em dois níveis simultaneamente: os sentidos suscitados pelos pára-quedistas em suas narrativas pessoais implicam uma visão particular da experiência, da identidade, no entanto, tais entendimentos dependem do sistema cultural onde os narradores vivem seus ritos, mitos e dramas sociais (Carbaugh, 2001:103). O processo narrativo ativa esses sistemas simbólicos e minha intenção é usá-lo a fim de adentrar tal dimensão do processo de construção de identidades.

Caberá a mim, enquanto analista, interpretar como as identidades são construídas, reproduzidas e negociadas por meio da linguagem e como elas são

dadas à luz por meio da interação social e práticas lingüístico-discursivas em que as pessoas se engajam.

Olharei para os processos lingüístico-discursivos de construção de identidades elaborados por esses homens ao posicionarem-se de forma ativa e agente em jogos lingüísticos singulares durante a interação com a pesquisadora. Neste jogo interacional, as narrativas dos pára-quedistas serão ouvidas como frutos de relações dialógicas (Bakhtin, 1979) que oferecem uma gama de identidades ao narrador ao se posicionarem ante aos fatos que narram, isto é, por meio de suas narrativas subjetivas, os narradores dialogam com as vozes e ideologias vigentes na instituição, na sociedade, nos outros grupos a que pertencem, inscrevendo-se no fluxo das idéias vigentes em seu tempo.

A interação com a pesquisadora, durante as entrevistas, será entendida como um exemplo de interação cotidiana (Mishler, 1986), como tantas outras em que essas pessoas se engajam. Uma interação, que ao possibilitar que indivíduos falem de si mesmos, cria espaço para que essas pessoas experimentem a sensação de serem alguém, de significarem algo para si mesmos e para seus interactantes, a sensação de fazerem diferença, a sensação de estarem vivos.

O universo pesquisado, ou seja, a comunidade pára-quedista do Exército Brasileiro, seja, talvez, um caso específico dentro da sociedade brasileira. Não obstante, tal ecologia levanta questões gerais sobre identidades, sócio-construcionismo, subjetividades, estórias de vida, autobiografia, narrativas, masculinidades, mito, etc.

O universo militar no Brasil tem sido pouco pesquisado. Por esta razão, tal contexto sempre gerou uma série de questionamentos, dúvidas, conceitos e pré-conceitos, apartando e por vezes isolando grupos de seres humanos que igualmente riem e choram dentro de uma mesma sociedade. Pessoas que assim como quaisquer outras têm estórias para contar.

Castro (1990, 1995, 2000), antropólogo, oferece inúmeros trabalhos em que interpreta aspectos históricos e antropológicos do Exército Brasileiro. Ramundo (2003) tematiza sobre a assimetria hierárquica professor militar/ aluno militar em trabalhos sobre construção do conhecimento em sala de aula de língua estrangeira. Santos (2000) oferece questionamentos e visões sobre o papel das escolas militares na formação dos integrantes do Exército Brasileiro.

Em minha dissertação de mestrado (Bruno, 2005), intitulada "Discurso Pedagógico, prática de significação ideológica. Uma visão da construção de identidade em contexto educacional militar", abordo temas como identidade, ideologia, discurso institucional, discurso pedagógico, a fim de entender o processo pedagógico de construção de identidades subjacente às práticas lingüísticas da principal escola de formação de oficiais combatentes do Exército Brasileiro, a Academia Militar das Agulhas Negras.

O que minha pesquisa de doutorado traz de original é o fato de ser voltada para o entendimento da construção de identidade do militar combatente do Brasil sob seu próprio olhar, isto é, meus entendimentos serão elaborados mediante a voz dos pesquisados influenciados pelas vozes (Bakhtin, 1981) que ressoam em seus contextos, em face de suas próprias colocações, estórias, visões de mundo. Minha intenção é estudar o universo narrativo de militares combatentes, treinados para o conflito, preparados para enfrentar ambientes inóspitos e lidar com situações hostis e de ameaça à vida. Penso que tal universo narrativo ofereça matéria prima para um caminho de desmistificação do contexto militar, que pretendo ajudar a trilhar com esta e futuras pesquisas.

Meus estudos podem ser úteis, ainda, para o enriquecimento do processo de autoconhecimento dos integrantes da Força ao serem motivados a falar de si mesmos, gerando dados a serem recontextualizados em uma pesquisa acadêmica. Em momento oportuno, pretendo compartilhar os entendimentos a que puder chegar tanto com meus entrevistados quanto com demais integrantes da Força em exposições de minhas pesquisas em meu ambiente de trabalho.

Por se tratar de uma questão fundamentalmente social desenvolvida no cenário concreto da interação face-a-face optei pelo paradigma de pesquisa etnográfica de cunho interpretativista (Erickson, 1992) como sendo o mais adequado para abordá-la. Quando se procuram estudar fenômenos em que o ser humano é o principal agente, onde as interações entre esses diferentes agentes são complexas e os contextos diversificados, faz-se pertinente o recurso desse viés da abordagem etnográfica.

Considero também relevante a questão do viés etnográfico que minha pesquisa toma. Como detalharei mais à frente, na exposição de minha metodologia, realizo um trabalho etnográfico com determinadas peculiaridades. Sou militar, integrante do Exército Brasileiro. Pesquiso meus pares, companheiros

de farda, mas que constituem um sub-grupo específico, diverso do sub-grupo em que eu realizo minhas atividades profissionais cotidianas, embora pertençamos à macro comunidade interpretativa Exército Brasileiro.

Face ao exposto, este trabalho está estruturado da seguinte maneira. No Capítulo 2, fundamento teoricamente minha tese. Ao salientar a centralidade do discurso nas construções de sentidos entre seres humanos, devoto especial atenção às narrativas produzidas durante as interações. Entendo que as narrativas são uma forma de organização básica da experiência humana e da vida social como um todo (Bruner, 1990). Assim, entendendo a linguagem enquanto semiótica social (Halliday, 1978) e as narrativas como um lócus privilegiado donde se pode construir sentidos para o outro e para si mesmo, busco posicionar-me frente às formas de vida no universo onde atuam os pára-quedistas. Para tanto trato de conceitos como pós-modernidade, sócio-construcionismo, narrativas e construção de identidades.

No Capítulo 3 apresento a metodologia de pesquisa usada para desenvolver esta pesquisa, caracterizo o contexto e seus participantes.

As análises foram divididas em dois capítulos. No capítulo 4 dedico-me à análise das narrativas elaboradas durante as entrevistas tendo como foco principal determinadas categorias identitárias nativas propostas pelos próprios pára-quedistas. Tais categorias, como pude perceber nas análises, constituem aquilo que os pára-quedistas chamam de “mística pára-quedista” e se fazem presentes nas falas dos entrevistados. As narrativas elaborados sob o pano de fundo da mística pára-quedista mostraram ser o fundamento da construção autobiográfica do ‘pequedê<sup>2</sup>’.

No Capítulo 5, também dedicado à análise, trago à discussão determinados modelos sociais que percebi presentes nas falas dos pára-quedistas com quem conversei, a saber, o modelo do hegemônico masculino que traz a reboque questões como heroísmo, companheirismo, autoridade, hierarquia, a vivência e disseminação da doutrina etc.

O último capítulo é dedicado a tecer considerações finais, entendimentos e sugestões de prosseguimento de pesquisa.

---

<sup>2</sup> Pronúncia da sigla ‘pqdt’, referente a ‘pára-quedista’, habitualmente usada neste contexto em detrimento da articulação da palavra original.